



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

## ESTUDANTES DA USP X POLÍCIA MILITAR: BREVE ANÁLISE DE UMA POLÊMICA

Adriana de Paula  
IEL/UNICAMP<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise discursiva da polêmica em torno da instalação de uma base da Polícia Militar na Universidade de São Paulo (USP) em setembro de 2011. Tomando como objeto de análise um corpus constituído por 90 textos publicados entre 27 de outubro de 2011 (momento em que um grupo de estudantes entra em confronto com a polícia em função da prisão de estudantes que portavam maconha) e 29 de novembro de 2011 (momento em que esse acontecimento deixa de ser mencionado intensamente nos jornais). Composto por artigos de opinião, cartas de leitor e editoriais, o corpus apresenta a opinião de estudantes, professores, articulistas e leitores sobre a presença da PM na USP, sobre a invasão da reitoria pelos estudantes e sobre a prisão dos manifestantes, apresentando formações discursivas favoráveis e contrárias a cada um desses aspectos. A análise dos dados baseia-se em conceitos da análise do discurso francesa, principalmente em teóricos como Courtine ([1981] 2009) e Maingueneau (2005) e toma como referência noções como *simulacro*, *memória* e *polêmica discursiva*. O trabalho visa discutir que mecanismos linguísticos são utilizados quando dois discursos, em um mesmo espaço discursivo, instauram uma polêmica entre si. A análise dos dados mostra que muitos textos recorrem ao *domínio da memória* (DMem) como estratégia argumentativa para defender a posição de seus enunciadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** acontecimento, memória, análise do discurso.

**ABSTRACT:** This article aims to make a discursive analysis of the controversy surrounding the installation of a military police base at the University of São Paulo (USP) in September 2011. Taking as an object of analysis a corpus consisting of 90 texts published between October 27, 2011 (when a student group clashes with the police according to the arrest of students who possess marijuana) and November 29, 2011 (time that this event is no longer mentioned extensively in the newspapers). Composed of opinion articles, reader letters and editorials, the corpus presents the views of students, teachers, writers and readers about the presence of PM in the USP, about the invasion of the rectory by the students and the arrest of demonstrators, with discursive for and against each of these aspects. Data analysis is based on concepts of French discourse analysis, especially in theoretical and Courtine ([1981] 2009) and Maingueneau (2005) and refers to notions such as simulation, memory and discursive debate. The article discusses the linguistic devices are used when two speeches in the same discursive space, set up a debate among themselves. The data analysis shows that many texts use the domain of memory (DMem) as argumentative strategy to defend the position of its statements.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo IEL/UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), Brasil e-mail: paula-ad@uol.com.br



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

**KEY-WORDS:** event, memory, discourse analysis.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar um corpus composto por textos jornalísticos publicados acerca da polêmica em torno da presença da Polícia Militar na USP e da mobilização de um grupo de estudantes contra essa presença. Partindo da análise de artigos de opinião, cartas do leitor e editoriais, publicados na *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Carta Capital*, *Agência Carta Maior*, *Caros Amigos* e alguns *blogs*, serão discutidos os diferentes posicionamentos sobre esse acontecimento, a partir de noções como *simulacro*, *memória* e *polêmica discursiva*.

A escolha desses gêneros justifica-se por permitirem identificar o posicionamento defendido nos textos e por serem marcados pelo entrecruzamento de diferentes discursos que dialogam entre si, formando um conjunto heterogêneo de posições relacionadas ao tema que permeia cada dado analisado.

De modo a verificar que mecanismos linguísticos são utilizados quando dois discursos, em um mesmo espaço discursivo, instauram uma polêmica entre si, foram selecionados 90 textos representativos dessas diferentes posições que permitam traçar a relação entre os discursos que compõem o corpus.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Do ponto de vista da AD francesa, o discurso pode ser entendido como uma *dispersão* de textos inscritos na história e marcados por um espaço de regularidades enunciativas, sempre determinadas no tempo e no espaço (cf. Maingueneau, 2005). Regido por uma semântica global, o discurso está associado à noção de *formação discursiva* e *superfície discursiva*, remetendo aos enunciados produzidos de acordo com as restrições da cada FD.

Para Pêcheux, todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento, sendo assim, ao analisar um acontecimento como a presença da PM na USP, há



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

que se considerar a memória produzida em torno desse acontecimento, pois, como afirma Courtine ([1981] 2009), *a memória irrompe na atualidade do acontecimento* (p. 103).

O conceito de memória discursiva, portanto, é importante na seleção e análise do corpus desse trabalho, já que em muitos textos selecionados a referência a outros confrontos entre a PM e os estudantes da USP será constante, principalmente no que se refere à ditadura militar. De acordo com Courtine ([1981] 2009),

a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos (p. 105-106).

Assim, todo acontecimento discursivo é marcado por uma memória que evoca enunciados formulados em outros momentos históricos e que são retomados pela relação que apresentam com o acontecimento atual.

Outro conceito importante para a análise realizada nesse trabalho é a noção de *polêmica discursiva*, que é marcada pela *interimcompreensão* entre duas FDs, em que a identidade de uma é constituída pela rejeição da oposta. Conforme Maingueneau (2005), sempre que há polêmica há um simulacro, já que o adversário traduz o discurso do outro a partir da semântica global do seu discurso. Segundo Maingueneau (2010, p. 104), cada texto polêmico

implica um quadro comunicacional, um gênero ligado a um suporte e a lugares de difusão, que lhe prescreve um modo de existência, ele se inscreve, além disso, em uma temporalidade específica, constitui um acontecimento enunciativo que adquire sentido em relação a outro da mesma espécie.

Diante do exposto, os conceitos de memória e polêmica são fundamentais para a análise dos dados aqui apresentados, uma vez que a própria constituição do acontecimento analisado emerge de um discurso polêmico que será repetido, retomado, refutado na construção do discurso dos enunciadores dos textos analisados.

Por fim, a própria constituição do corpus é um elemento fundamental na elaboração da análise. No terceiro capítulo da obra *Análise do Discurso político*, Courtine ([1981] 2009) afirma que para fazer uma pesquisa em Análise do Discurso é necessário *determinar a escolha de uma sequência discursiva como ponto de referência, a partir da qual*



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

*o conjunto dos elementos do corpus receberá sua organização* (p. 107-108). A essa sequência, o autor denominou *sequência discursiva de referência* (sdr), e propôs que o corpus fosse dividido, a partir dessa sdr, em *domínio de memória* (DMem), *domínio de atualidade* (DAct) e *domínio de antecipação* (DAnt), que servirão *para o analista caracterizar as repetições, as rupturas, os limiares e as transformações de um tempo processual* (p. 111). Desse modo, observar os domínios relevantes para o corpus analisado também é uma tarefa de quem se propõe a fazer análise do discurso.

## **BREVE CRONOLOGIA DO ACONTECIMENTO**

Segundo a edição do dia 27 de novembro de 2011 do *Jornal da USP Livre*, a luta dos estudantes contra a presença da Polícia Militar na USP data de maio de 2007, momento em que um grupo de alunos ocupou a reitoria para protestar contra decretos do então governador José Serra. Essa luta continuou em junho de 2009, quando a reitoria chamou a PM para reprimir piquetes organizados por funcionários em greve e acabou culminando num confronto entre estudantes e policiais durante uma manifestação. Em maio de 2011, com a morte do estudante Felipe Ramos Paiva, no estacionamento da Faculdade de Economia e Administração, tem início a discussão para a aprovação de um convênio entre USP e Polícia Militar, entrando em vigor a partir de setembro de 2011.

Ainda segundo o jornal, durante todo esse período houve mobilização estudantil contra a presença da PM no campus, o que se agravou em 27 de outubro de 2011, depois que a Polícia abordou três estudantes que portavam maconha e decidiu levá-los para a delegacia. Essa ação da PM acabou desencadeando a ocupação do prédio da administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e posterior ocupação da reitoria da universidade, o que culminou na prisão de 73 estudantes, no dia 08 de novembro de 2011 e na decisão de iniciar uma greve geral dos estudantes.

Os textos analisados nesse trabalho abordam os fatos ocorridos a partir de 27 de outubro de 2011 e tratam principalmente da abordagem aos estudantes que fumavam maconha, da ocupação da FFLCH e da reitoria e, por fim, da prisão dos estudantes após a reintegração de posse executada pela ação da PM. Publicados entre 27 de outubro de 2011 e



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

29 de novembro de 2011, esses textos apresentam a opinião de estudantes, professores, articulistas e leitores sobre esses acontecimentos.

## O CORPUS ANALISADO

O corpus desse trabalho é composto de 90 textos publicados em jornais<sup>2</sup>, *blogs*, e *sites* de notícias, sendo 35 artigos de opinião, 53 cartas do leitor e 2 editoriais. Os dados foram separados por gêneros e pelo posicionamento assumido em cada texto. Há três discursos predominantes nos textos analisados, de um lado, o daqueles que defendem a permanência da polícia na USP e criticam a ocupação; de outro, o discurso dos que criticam a ação da polícia e defendem o movimento dos estudantes e, por fim, o daqueles cujo foco é a discussão sobre o consumo de maconha dentro da universidade.

Para a montagem do corpus foi utilizado o mecanismo de busca do site da *Folha*, e o *Google*, utilizando expressões como “invasão da reitoria da USP” e “polícia militar na USP”. No *Google*, foram encontradas 120.000 referências para a entrada “invasão da reitoria da USP” e 102.000 resultados para “polícia militar na USP”, no *site* da *Folha de S. Paulo* o critério de busca foi o termo “USP” e a cronologia do acontecimento. Assim, foram selecionados os textos de caráter argumentativo apresentados na *Folha* e considerada apenas uma amostra dos textos produzidos em outros órgãos de imprensa, desde que fossem também argumentativos e representativos de diferentes posicionamentos sobre o tema abordado.

Mais importante do que a quantidade de dados, a seleção foi pautada pela busca de textos que pudessem representar a polêmica existente entre os discursos envolvidos nesse debate.

## ANÁLISE DOS DADOS

A formação discursiva predominante no corpus é aquela que defende a permanência da PM na universidade e critica a ação dos estudantes. A maior parte desses

---

<sup>2</sup> A maior parte dos textos foi retirada da *Folha de S. Paulo* em função da facilidade de acesso a esse material.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

textos visa desqualificar os alunos que integraram o grupo que participou da invasão da reitoria, os docentes que se colocaram a favor dos estudantes e, principalmente, as motivações que levaram esses jovens a protestarem contra a presença da PM na USP. Os exemplos apresentados abaixo ilustram o tipo de posicionamento assumido por aqueles que não concordam com a manifestação estudantil.

[1] Parabéns à *Folha* pelo editorial "A polícia e a USP" (*Opinião*, ontem). A maioria dos que são contrários à presença da PM, chamados hilariamente por um docente de "engajados", reivindica privilégios inaceitáveis em nome de motivações ideológicas. O tipo de "liberdade" que desejam é incompatível com a vida em sociedade: eles não podem ser livres para impor sua vontade aos outros, de modo truculento, por meio de piquetes e invasões de espaços públicos. [...]

Carta do leitor Paulo A. Nussenzevig, professor do Instituto de Física da USP,  
*Folha de S. Paulo*, 15/11/2011.

[2] Quase não acreditei ao ler a opinião de três professores da USP ("A Polícia Militar na USP", "Tendências/Debates", ontem). Para condenar a presença da PM no campus, os três utilizam, entre outras falácias, o argumento de que isso predispõe à "eventual repressão de atos ligados à livre expressão de ideias". Quer dizer que, para ter boas ideias, não pode haver policiamento por perto? Será preciso fumar maconha para ter boas ideias?

Carta do leitor Orlando Barrozo, *Folha de S. Paulo*, 12/11/2011.

As duas cartas do leitor apresentadas retomam textos publicados em edições anteriores da *Folha* para desqualificar a ação dos estudantes e defender a presença da PM na USP. Nos dois textos o argumento dos estudantes de que lutam pela liberdade dentro da universidade é criticado. Na carta [1], há uma crítica ao tipo de liberdade que esses estudantes defendem, apontada como incompatível com a vida em sociedade. Na carta [2], através da citação de um texto publicado na seção *Tendências e Debates*, ironicamente se critica o que seria necessário para a *livre expressão de ideias*. O texto é concluído com uma interrogação, que pode ser lida como um simulacro daquilo que defendem os estudantes que lideram o movimento, já que a ideia de que estão se manifestando contra a PM por causa do desejo de fumar maconha livremente, é a versão daqueles que são a favor da presença da polícia na universidade e não dos que são contrários. Estes, não reconhecem esse discurso como legítimo, como mostram os dados apresentados a seguir:

[3] Como aluna, posso esclarecer que todos na USP desejam mais segurança, mas da seguinte forma: mais iluminação, uma guarda universitária maior e mais bem equipada, maior integração à cidade, diminuindo a sensação de um "oásis" no meio de São Paulo. É assim que o cenário vai melhorar, não com a presença agressiva de um aparato militar. Conforme pesquisa na *Folha* de ontem, 58% dos entrevistados eram favoráveis a presença da PM, mas 57% não se sentiam mais seguros com ela.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Carta da leitora Marina Rossi Gurgel, *Folha de S. Paulo*, 14/11/2011

[4] Ao contrário da percepção geral, não são maconheiros exigindo que a USP seja área liberada para Cannabis

Uma profunda ferida geracional foi tocada nesta semana. Quatrocentos PMs, com armamento pesado e até helicóptero, entraram no campus da USP, em São Paulo, para enfrentar 72 alunos desarmados. [...]

Artigo de opinião, *Calibre 12 no campus da USP*, Álvaro Pereira Júnior, *Folha de S. Paulo*, 12/11/2011

[5] Os defensores da PM no campus e detratores do movimento estudantil ignoram o fato de a USP ser uma autarquia, que dispõe de autonomia administrativa, e consideram a PM apta a atuar em qualquer situação ("Odes novos e coragem para travessia", de Ronilson de Souza Luiz, "Tendências/Debates", 5/11).

A leviana acusação de que a FFLCH é povoada por "grupelhos semianalfabetos" ou "violentos", ou que buscam um espaço livre para o uso de drogas ("Os bebês da USP", de Vinicius Mota, **Opinião**, ontem) despolitiza o questionamento da intransigente e violenta ação cotidiana tanto da PM como da reitoria em relação aos estudantes da mesma FFLCH.

Carta do leitor Tiago Rosa Machado, mestrando em história social pela FFLCH-USP, *Folha de S. Paulo*, 08/11/2011

Os dados [3], [4] e [5] partem do discurso daqueles que são favoráveis à ação policial na USP para negar seus principais argumentos. Assim, a enunciadora do texto [3] deixa marcado o fato de que estuda na universidade e conhece as necessidades dos alunos, listando de que forma seria possível trazer mais segurança para a USP e se opondo à *presença agressiva de um aparato militar*. Na conclusão do texto, são apresentadas estatísticas que reforçam a ideia de que a presença policial não é garantia de segurança.

Os textos [4] e [5] negam que os estudantes estejam lutando para fumar maconha livremente. Em [4], por meio da negação, há a refutação de que seja uma *luta de maconheiros* e, no parágrafo seguinte, os dados numéricos são evocados para reforçar o quão desproporcional foi o enfrentamento entre policiais e estudantes. No dado [5], os adjetivos *leviana*, *intransigente* e *violenta* servem para categorizar negativamente o discurso de quem defende a PM. A retomada do discurso dos adversários é uma estratégia para combater esse discurso e deixar marcada a posição defendida pelo enunciador do texto em questão.

Outro aspecto que emerge tanto do discurso favorável quanto contrário à presença da PM na USP é a memória de outros acontecimentos relacionados a essa questão, conforme os dados abaixo apresentados:

[6] Fui aluno no largo São Francisco nos anos de chumbo e, ao ler o texto de Janaina Conceição Paschoal ("Quem é elitista?", "Tendências/Debates", ontem), com horror senti-me transportado àquela época de novo.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Os "melhores" conceitos expendidos pelo então coronel e ministro da Educação, Jarbas Passarinho, foram repetidos pela professora: "A população paga para que os estudantes da USP estudem (...). O povo não paga para que (...) façam greve. Aliás, os alunos haveriam de exigir aula, não paralisar a universidade".

Enfim, estudante é para estudar. Eis o bordão que simbolizou a política educacional dos militares e visava à alienação dos jovens, que deveriam deixar de reivindicar "o que não lhes dissesse respeito", inclusive a democracia e a liberdade de expressão.

Carta do leitor Alfredo Spínola de Mello Neto, *Folha de S. Paulo*, 12/11/2011.

[7] Se a Polícia Militar e outras forças da ditadura não tivessem invadido campi universitários, como ocorreu na própria USP em 1968, essa memória não nos pertenceria, mas ela nos pertence. Portanto, tudo é muito simbólico no caso das últimas reivindicações estudantis na USP. Os alunos protestam não só contra a presença de policiais no campus mas, sobretudo, por causa de uma memória de violência e truculência que eles, democraticamente, repudiam e da qual a PM é emblema, é símbolo mesmo. Eis a raiz do impasse.

Carta do leitor Rinaldo de Fernandes, *Folha de S. Paulo*, 09/11/2011.

[8] Mais uma vez, inacreditavelmente, a vergonha e a covardia cobriram a Polícia Militar de São Paulo, revivendo os tempos medonhos da ditadura militar. Qual o sentido de fazer uma operação de guerra na USP, com mais de 400 soldados da Tropa de Choque, cavalaria e helicóptero, para investir com toda a violência contra umas poucas dezenas de estudantes desarmados que ocupavam o prédio da reitoria da USP? Qual a finalidade dessa estúpida demonstração de força, desperdiçando dinheiro, tempo e recursos que, obrigatoriamente, só deveriam ser empregados no combate à criminalidade?

Que pena, depois de tanta luta pela democratização da maior universidade do país, nós assistirmos a esse triste espetáculo promovido pela atual direção fascista da USP.

Carta do leitor Edgard Luiz de Barros, historiador e ex-aluno da FFLCH-USP, *Folha de S. Paulo*, 09/11/2011

[9] Por timidez, excesso de suscetibilidade ideológica ou mera confusão, ainda há quem associe a presença da PM no campus com os traumas advindos da ditadura.

Uma coisa, entretanto, era o emprego de forças policiais para prender professores e estudantes suspeitos de fazer oposição a um regime antidemocrático. Totalmente diversas são ações de policiamento que em nada impedem a liberdade de cátedra, o ensino, a pesquisa e a própria realização de atos políticos dentro do campus.

Identificada abstratamente com "a repressão", segundo o antigo vocabulário da oposição ao regime militar, a PM hoje está na USP não para reprimir estudantes, e sim estupradores, ladrões e assassinos.

Editorial, *Folha de S. Paulo*, 04/11/2011

Os quatro textos apresentados acima evocam a memória discursiva da ditadura militar. O texto [6] retoma um artigo publicado em edição anterior para rememorar a época em que seu enunciador foi aluno da USP nos anos da ditadura. Através da locução adverbial *com horror*, ele combate o posicionamento defendido pelo texto com o qual dialoga. No parágrafo



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

seguinte, faz uma nova retomada histórica e apresenta em uma citação em discurso direto o que disse sua adversária a respeito do papel que cabe aos estudantes. Conclui o texto com a oração *estudante é para estudar* que, em seguida, será refutada a partir da menção à política educacional da ditadura militar e da afirmação de que ela visava à *alienação dos jovens* e impedia que se lutasse pela democracia e liberdade de expressão.

O texto [7] é iniciado a partir de uma oração subordinada adverbial condicional que relembra que se não tivessem ocorrido invasões da PM durante o regime militar, essa memória não seria retomada na discussão sobre o fato atual. Em seguida, através da conjunção adversativa *mas*, afirma que essa memória existe e não pode ser ignorada. Através das expressões *de violência e truculência* e do verbo *repudiam* deixa marcado seu posicionamento favorável aos estudantes, afirmando que *a raiz do impasse* está no que simboliza a presença da polícia na universidade. Sobre conclusões desse tipo, Courtine ([1981] 2009), com base em Foucault, afirma que *a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos* (p. 105-106), recurso que parece ocorrer no texto [7].

A carta [8] é marcada por um tom exaltado que se expressa através dos adjetivos e substantivos empregados e é reforçado pelas interrogações lançadas no texto. Através dos advérbios *mais uma vez* e *inacreditavelmente*, o enunciador expressa sua perplexidade diante da memória discursiva relacionada ao que está ocorrendo na USP, o que será reforçado pelo uso das expressões referenciais definidas *a vergonha* e *a covardia* e pelo adjetivo *medonhas*. As expressões *operação de guerra*, *demonstração de força* e os adjetivos *estúpida*, *triste* e *fascista* categorizam negativamente a ação policial e a reitoria da USP e deixam explícito o posicionamento do enunciador da carta.

Vale lembrar que a referência à memória discursiva em torno da ditadura, não é exclusividade de quem é contrário à ação policial, em textos que defendem a polícia, também é possível encontrar essa memória. O dado [9] exemplifica de que modo isso ocorre na outra formação discursiva.

Proveniente de um editorial publicado na *Folha*, o texto [9] tenta explicar o que levaria as pessoas a associarem a presença da PM na USP com a época da ditadura. No segundo parágrafo, através da conjunção adversativa *entretanto* e da oposição entre o que acontecia naquele momento histórico e o que acontece agora, o editorial procura mostrar que



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

a comparação entre os dois períodos é descabida. O fragmento é concluído com a afirmação de que a *PM hoje está na USP não para reprimir estudantes, e sim estupradores, ladrões e assassinos*, reforçando a ideia de que a referência à ditadura não serve como argumento para combater a presença da PM na USP.

Outro aspecto que chama a atenção nos textos analisados é o grande número de aspas utilizadas em diferentes textos e com funções diversas. Dentre elas, destacam-se aquelas que são usadas com a função de dar um tom irônico ao que é dito, como se o enunciador quisesse mostrar que embora diga aquilo não compactua com o significado corrente do que diz. Esse tipo de ocorrência estaria, a meu ver, naquilo que Authier-Revuz (2004, p. 225) chama de *questionamento ofensivo do caráter apropriado de uma palavra*, conforme podemos observar nos dados que seguem:

[10] [...] O bloqueio da avenida Paulista promovido pelos "**estudantes (?)**" da USP foi uma demonstração da "**democracia**" que eles dizem defender [...].  
Carta do leitor Francisco Alfredo Curcio, *Folha de S. Paulo*, 26/11/2011

[11] O que se deve perguntar é: sou contra uma instituição cuja "**tropa de elite**" é comandada por um dos réus de um massacre a um grupo já marginalizado? [...]  
Carta do leitor Rodolfo Samuel da Silva Neviani, *Folha de S. Paulo*, 29/11/2011

[12] A produção do conhecimento que os "**amotinados**" da USP defendem é contrária ao enlatamento e à massificação científicos. Mas é necessário investimento público e espaço onde todos os tipos de pensamento sejam respeitados.  
Carta da leitora Elizabeth Seno, *Folha de S. Paulo*, 27/11/2011

Nesses exemplos, as aspas são colocadas para marcar a não concordância do enunciador de cada texto com *palavras que percebe como impostas pelo exterior* (cf. Authier-Revuz, 2004), desse modo, embora empregue a palavra, eles fazem questão de marcar que aquele discurso não lhes pertence. Nesse sentido, poderíamos dizer que as aspas servem para “manter a distância” entre aquilo que está dito e o que o enunciador acredita que deveria ser dito.

Uma segunda ocorrência das aspas é para indicar citações, não só de textos publicados anteriormente como também de referências trazidas pelos próprios enunciadores dos textos analisados.

[13] "Quando surgiram as primeiras notícias, achei absurda a mobilização estudantil, parecia que eles só queriam continuar fumando maconha em paz. Depois da



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

desocupação da reitoria, fui às assembleias e soube de desmandos da polícia. Não mudei de opinião, não inventaram nada melhor que a polícia para pôr nesse lugar, mas certas colocações dos alunos fazem sentido. Isso não apareceu na grande mídia", diz o professor de geografia Carlos Santos Machado Filho, 32, aluno de pedagogia na USP.

Suzana Singer, ombudsman da *Folha de S. Paulo*, 13/11/2011.

[14] Em entrevista à Folha, Atila Roque, chefe do novo escritório no Brasil da ONG Anistia Internacional, diz que "**não foi uma cena agradável**" ver a polícia entrar na reitoria da USP "**com toda aquela força e aparato**" ("UPPs serão inúteis sem reforma da segurança pública", Entrevista da 2ª, ontem). Mas talvez fosse o caso de mencionar que foi, no mínimo, desagradável ver futuros ocupantes de cargos públicos e privados, sob o manto anônimo do capuz, queimar a bandeira do Estado e a do Brasil e depredar instalações de prédio público que é bancado com nossos impostos.

Carta do leitor Roberto Gonçalves Siqueira, *Folha de S. Paulo*, 22/11/2011

A observação desses dados permite-nos visualizar o momento descrito por Authier-Revuz (2004) em que o "locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso" (p. 12). No exemplo [13], o enunciador recorre a uma citação em discurso direto para sustentar sua argumentação, é através do discurso do *outro* que o *eu* legitima aquilo que diz. Conforme Bakhtin-Volochinov (1995, p. 144), para *penetrar completamente no conteúdo* do discurso citado, *é indispensável integrá-lo na construção do discurso*, e é justamente isso que ocorre nesse exemplo.

No dado [14], usa-se a voz do *outro*, para desconstruí-la, para mostrar o quanto ela é frágil. Esse dado estaria na categoria em que, segundo Authier-Revuz (2004), *digo essa palavra, mas não como digo as demais, porque a digo como X diz* (p. 220), ou seja, digo apenas para mostrar a visão do *outro*, mas não compartilho dessa visão.

A utilização das aspas, portanto, é mais um recurso presente nesses textos para marcar a posição discursiva neles assumida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, pode-se afirmar que essa polêmica discursiva em torno da presença da PM na USP apresenta diversos pontos que podem ser tomados como objetos de análise e longe de tentar esgotar a questão, o presente trabalho procurou traçar um breve panorama de aspectos relacionados a esse debate.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

A observação do uso do simulacro para desconstruir o discurso do oponente é um recurso que merece destaque, além do emprego das aspas para marcar a posição do enunciador. Como lembra Maingueneau (2010, p. 196):

Para que haja polêmica, é necessário que sujeitos que ocupam certo lugar percebam tais ou tais enunciados como intoleráveis do ponto de vista desse lugar, a ponto de julgarem necessário entrar em conflito com a suposta fonte desses enunciados.

E é exatamente isso que ocorre nos textos analisados. Cada qual se manifesta a partir do lugar discursivo que ocupa e utiliza dos recursos que julga eficientes para refutar enunciados tomados como intoleráveis.

Vale dizer ainda, que recorrer ao *domínio da memória* (DMem), como proposto por Courtine ([1981] 2009) foi importante para analisar de que modo diferentes discursos evocam a memória como estratégia argumentativa para defender sua posição.

Por fim, há que se ressaltar que muitos outros textos do corpus poderiam ter sido analisados, além de diversos outros aspectos, dentre eles, os diferentes posicionamentos assumidos pela esquerda e pela direita com relação à polêmica em questão, contudo, em função dos limites desse trabalho, optou-se por discutir quais foram as estratégias mobilizadas para marcar a posição em cada formação discursiva assumida.

## **BIBLIOGRAFIA**

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (2004). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BAKHTIN, Mikhail (V.N. VOLOCHÍNOV). (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec.

COURTINE, Jean-Jacques. (1981). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009

MAINGUENEAU, Dominique. (2005). *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

MAINGUENEAU, Dominique. (2010). *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização: Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial.